

26 ABR 2014 • 18:00 • SALA SUGGIA

ORQUESTRA BARROCA CASA DA MÚSICA

ORQUESTRA SINFÔNICA

DO PORTO CASA DA MÚSICA

1ª Parte

ORQUESTRA BARROCA CASA DA MÚSICA

Laurence Cummings direcção musical

Rupert Charlesworth tenor

Mónica Monteiro soprano

Miguel Leitão tenor

Heinrich Biber

Battalia à 10 [1673; C.10MIN.]

1. *Sonata: Allegro – Presto*
2. *Allegro*
3. *Presto*
4. *Der Mars*
5. *Presto*
6. *Aria*
7. *Die Schlacht*
8. *Adagio: Lamento der verwundten Musquetir*

Claudio Monteverdi

Il Combattimento di Tancredi et Clorinda

[1624; C.22MIN.]*

2ª Parte

ORQUESTRA SINFÔNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA

Baldur Brönnimann direcção musical

Magdalena Anna Hofmann soprano

Fernando Lopes-Graça

Em Louvor da Paz [1986; C.15MIN.]

Alban Berg

Três excertos de Wozzeck [1924; C.20MIN.]**

1. I Acto, Cenas 2 e 3: *Lento*
2. III Acto, Cena 1: *Tema. Grave*
– *Variações 1-7 – Fuga*
3. III Acto, Cenas 4 e 5: *Lento*

*Tradução e legendagem: Cristina Guimarães

**Tradução do texto original na página 6.



MÚSICA & CONFLITO
MÚSICA & REVOLUÇÃO
25 ABR - 01 MAI

CASA DA MÚSICA
INTERNATIONAL
SHOWCASE



Maestro Lawrence Cummings
sobre os concertos da
Orquestra Barroca Casa da
Música de 25 e 26 Abril
www.vimeo.com/92144963



Maestro Baldu Brönnimann
sobre os concertos da
Orquestra Sinfónica
& Coro Casa da Música
de 25 e 26 Abril
www.vimeo.com/92737423

HEINRICH VON BIBER

WARTENBERG (BOÉMIA), BAP. 12 DE AGOSTO DE 1644
SALZBURGO, 3 DE MAIO DE 1704

Heinrich von Biber foi um dos compositores mais imaginativos do século XVII e um virtuoso do violino. Ficou célebre pelo seu contributo no desenvolvimento da escrita para violino e pelo uso da “scordatura” (afinação diferente das cordas soltas do violino de modo a obter efeitos especiais ou a permitir a execução de passagens que doutra forma seriam impossíveis de tocar).

Em várias das suas obras, Heinrich von Biber usou como estímulo referências extramusicais, seja de forma simplesmente evocativa (como nas célebres Sonatas do Rosário, relativas aos 15 Mistérios da Virgem associados à devoção católica), seja de uma forma mais directa, como na *Sonata Representativa* para violino solo, onde se imitam as vozes do cuco, do rouxinol, do galo, da galinha e da rã. Composta para as celebrações do Carnaval de 1673 em Salzburgo, a *Battalia* obedece a um esquema programático bastante detalhado, que surge resumido no seu título completo: “A Batalha. A dissoluta horda dos mosqueteiros, Marte, a luta e o lamento dos feridos, imitado pelas árias e dedicado a Baco.” Para “pintar” musicalmente estes quadros, o compositor recorre a efeitos pouco habituais na música da época, alguns dos quais apenas se generalizariam séculos mais tarde. É o caso das notas “col legno” na Sonata de abertura ou do “pizzicato Bartók” na secção que descreve a Batalha propriamente dita. A peça termina com um Lamento pejado de ousadas dissonâncias e cromatismos. O segundo andamento (“A companhia dissoluta com

todos os tipos de humor”) é um dos mais curiosos, contendo o seguinte comentário anotado pelo compositor: “aqui é completamente dissonante, pois é assim que habitualmente os bêbados costumam bradar as suas diferentes canções”. A referida secção consiste num *Quodlibet* formado por oito canções populares diferentes tocadas em simultâneo.

CRISTINA FERNANDES [2008]

CLAUDIO MONTEVERDI

CREMONA, BAP. 15 DE MAIO DE 1567
VENEZA, 29 DE NOVEMBRO DE 1643

Il combattimento di Tancredi et Clorinda é uma das obras mais importantes da história da música ocidental, embora não seja interpretada muito habitualmente. Escrita em 1624 por Claudio Monteverdi, trata-se de uma peça de teatro musical no sentido mais estrito da expressão. Foi concebida para ser representada em serões privados e consta de três personagens: as duas referidas no título e, ainda, um narrador (Testo), cada uma das quais com a sua voz própria em cena. Monteverdi introduz vários usos instrumentais que, na altura, constituíram novidades. Divide os instrumentos de corda em quatro partes e serve-se de elementos colorísticos (*pizzicato*, *tremolos*) e rítmicos com uma finalidade expressiva. Amplifica e sublinha desta forma o patetismo do texto verbal, e também adiciona elementos figuralistas que intensificam a descrição das situações pelo narrador.

A obra baseia-se no canto duodécimo do poema épico *La Gerusalemme Liberata*, pu-

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE

RÉSEAU
CASA DA MÚSICA
VARESE



reseo

REMA
REDAZIONE DI MÚSICA
EUROPEA

EUROPE JAZZ NETWORK

ECHO

EUROPEAN
CONCERT HALL
ORGANISATION

TENSO

blicado em fins do século XVI pelo célebre Torquato Tasso. O poema, tal como a cena de Monteverdi, localiza-se durante a Primeira Cruzada, situando-se ideologicamente no espírito da Contra-Reforma. A chamada à unidade na fé cristã e no dogma católico determinou a escrita do poema. No entanto, transformado por Monteverdi, esse aspecto passa para um segundo plano: o foco é posto por inteiro no patetismo da situação dramática. Tancredo foi uma personagem histórica que, pela pena de Tasso, se transformou num herói épico, apaixonado pela corajosa guerreira persa Clorinda que, sendo pagã, era também a sua inimiga. *Il combattimento*, através do narrador, que é por sua vez amplificado na parte instrumental, descreve o momento em que, sem se reconhecerem, Tancredo e Clorinda lutam entre si: vence o cavaleiro cristão, que, a seu pedido, baptiza e salva a virgem mortalmente ferida. Neste caso, o conflito, um antagonismo religioso representado pelos protagonistas, só se resolve no céu e a conciliação aqui é sinónimo de imposição da fé católica às restantes.

FERNANDO LOPES-GRAÇA

TOMAR, 17 DE DEZEMBRO DE 1906

PAREDE, 27 DE NOVEMBRO DE 1994

Após o 25 de Abril, a importância de Fernando Lopes-Graça para a cultura portuguesa foi reconhecida através de homenagens e encomendas estatais. Porém, uma parte significativa das suas intervenções públicas estiveram ligadas a actos promovidos pelo Partido Comunista, no qual militava e pelo qual foi candidato à Assem-

bleia Constituinte (1975) e à Assembleia da República (1976). Também fez parte de várias missões culturais em visitas à União Soviética, onde lhe foi concedida a Ordem da Amizade dos Povos, e à República Democrática Alemã (1976) e viajou, em missões culturais promovidas pelo PCP, a Paris (1975) e Angola (1979), com o Coro da Academia de Amadores de Música; a Moscovo (1977 e 1985); a Budapeste, por motivo do centenário do nascimento de Béla Bartók (1981); e a Cracóvia, por motivo do Congresso dos Intelectuais para o Futuro Pacífico do Mundo, durante o qual foi estreada a sua obra orquestral *Em louvor da paz* (1986), quando Polónia era um Estado socialista.

Este tipo de reuniões de “intelectuais pela paz” foi muito habitual durante os anos em que vigorou a União Soviética, sendo o seu carácter fundamentalmente retórico e propagandístico. A memória que o compositor guardou daquele acontecimento foi, porém, de carácter pessoal e musical: ficou maravilhado por ter sido uma das poucas ocasiões ao longo da sua vida em que teve a oportunidade de escutar, bem tocada, uma obra orquestral da sua autoria. E, de facto, nesta obra, tal como em muitas outras do seu catálogo, inscreve-se o conflito entre uma voz individual e “obstáculos” que impedem o seu desenvolvimento – ou “emancipação” – em termos musicais. A limitação do material pode ser, portanto, lida como uma metáfora do relacionamento castrador e trágico do indivíduo com o seu meio. Faz parte das obras de Lopes-Graça que concluem com uma espécie de amplificação dramatizada que inclui a comunidade, fixando nesta comunhão com o colectivo a possibilidade de uma conciliação. Porém, é o

desespero, quase expressionista, o que predomina. Neste sentido, Lopes-Graça está próximo do *Wozzeck* de Alban Berg, autor que muito admirava. De facto, o “canon” modernista dos anos 20 (Stravinski, Hindemith, Bartók e Schönberg, para além de Falla ou Berg) é uma referência incontornável para Lopes-Graça, presente na obra que será hoje escutada.

ALBAN BERG

VIENA, 9 DE FEVEREIRO DE 1885

VIENA, 24 DE DEZEMBRO DE 1935

A estreia de *Wozzeck*, ocorrida a 14 de Dezembro de 1925, foi precedida por longos anos de trabalho sobre o libreto e a partitura. Berg tinha assistido a uma representação da obra original de Georg Buchner (1813-1837) em Viena, em 1914. Tomou a decisão imediata de escrever uma ópera, sendo, evidentemente, tal propósito impedido pela Primeira Grande Guerra. A obra foi finalmente completada em 1922. A suite *Três excertos de Wozzeck* foi estreada em Junho de 1924 e obteve um notável sucesso, que se explica no contexto daqueles anos marcados pela lembrança do conflito e o optimismo da acelerada modernização da época. Berg foi soldado e, como veterano durante o período entre as duas guerras, plasmou, em comunhão com outros artistas contemporâneos, a trágica experiência bélica na sua obra. *Wozzeck* é, da mesma maneira, uma personagem que ultrapassa os limites do particular e veicula valores universais. Acontece qualquer coisa comparável com Marie, a protagonista feminina da ópera e a única

personagem “que canta” nesta suite. Os três fragmentos apresentam outros tantos momentos-chave do drama musical escrito por Berg. No primeiro, Marie assiste a um desfile com o filho, de quem *Wozzeck* é o pai, ao colo. No segundo, lendo a Bíblia, confronta-se e identifica-se com Maria Madalena. Finalmente, o terceiro fragmento corresponde às cenas quarta e quinta do terceiro acto, em que *Wozzeck* morre afogado num tanque quando está desesperadamente à procura da faca com que assassinou Marie num ataque de ciúmes. Deparamo-nos, de novo, e tal como acontece com as restantes obras deste programa, com o poder comunicativo que tem a música, particularmente o poder imediato que têm o ritmo e a instrumentação. A imensa e íntima tristeza determina a vida dos dois protagonistas deste drama, em conflito com aqueles que são mais poderosos do que eles. A resolução do conflito, neste caso, dissolve-se numa solidão de dimensões, podemos dizer, cósmicas, sublinhada pela indiferente luz de luar que envolve o final da obra.

TERESA CASCUDO [2014]

Três excertos de Wozzeck

1. (I Acto, Cenas 2 e 3)

– Marie:

*Ossoldados, ossoldados, que criaturas bonitas!
Vem, meu rapaz! Não interessa o que eles dizem!
Não passas de um filho bastardo e dás
à tua mãe toda essa alegria com a tua
doce carinha de bastardo!
Dorme, dorme bebé...*

*O que farás agora pobre rapariga?
Tens um filho mas não tens marido!
Ah, porque te preocupas pobrezinha,
Eu cantarei pela noite dentro:
Dorme, dorme, meu querido rapaz,
Ninguém quer saber de nós!*

*Hansel, vai selar agora
os teus seis cavalos brancos,
Enche os comedouros até transbordar,
As aveias estão simplesmente muito duras,
Nenhuma água limpa o suficiente,
O vinho mais puro, mais fresco tem de ser!*

2. (III Acto, Cena 1)

– Marie: (sozinha, vira as páginas da Bíblia)

*“E da sua boca não saiu
nem engano nem falsidade”...
Querido Deus, Querido Deus!
Não olhes para mim!
“Mas os fariseus levaram-lhe
uma mulher adúltera.”
“Jesus disse-lhe:
Também não te condeno mais,
Vai, segue em frente, e não peques mais.”
Querido Deus!
Corta-me o coração ver o rapaz.*

*Fora! O meu pecado é quente como o sol!
Não, vem, vem cá! Vem a mim!
“Era uma vez uma pobre criança
que não tinha pai nem mãe,
ambos tinham morrido
e não havia ninguém no mundo,
e assim passou fome e chorou dia e noite.
E como já não tinha ninguém no mundo...”
Franz não chegou, nem ontem nem hoje...
O que está aqui escrito sobre Maria Madalena?...
“E de joelhos perante Ele, e chorava e
beijava os seus pés e lavava-os com
as suas lágrimas e ungiu-os com unguento...”
Salvador! Deixa-me ungiu os teus pés
com unguento – Salvador!
Assim como tiveste piedade dela,
tem agora piedade de mim!...*

3. (III Acto, Cenas 4 e 5)

– Crianças:

*Roda, roda, Rosa,
todos agachados!
Roda, roda, Rosa,
todos...*

– O rapaz de Marie:

Pulem, pulem! Pulem, pulem!

Tradução: Helena Marques Silva

LAURENCE CUMMINGS DIRECÇÃO MUSICAL

Laurence Cummings é um dos músicos mais versáteis dentro da corrente da interpretação histórica em Inglaterra, como cravista e como maestro. Foi bolsheiro de órgão no Christ Church em Oxford, onde se graduou com distinção. Até 2012 foi director dos estudos de Performance Histórica na Royal Academy of Music, criando no curriculum a prática em orquestras barrocas e clássicas. É agora *William Crotch Professor* de Performance Histórica. É membro da Handel House em Londres e foi director musical da Tilford Bach Society. Desde 1999 é director do Handel Festival de Londres, e em 2012 tornou-se director artístico do Festival Internacional Händel em Göttingen. É maestro titular da Orquestra Barroca Casa da Música.

Tem dirigido produções de ópera para a English National Opera, Festival de Glyndebourne, Ópera de Gotemburgo, Ópera de Lyon, Garsington Opera, English Touring Opera, Opera Theatre Company, Linbury Theatre Covent Garden e ainda na Croácia, Porto e EUA. Trabalha regularmente com várias das principais orquestras da Grã-Bretanha.

Fez a primeira gravação do recentemente descoberto *Gloria* de Händel com Emma Kirkby e a Royal Academy of Music (BIS) e discos em recital como solista em cravo, incluindo música de Louis e François Couperin (Naxos). Gravou com a Orquestra de Câmara da Basileia para a Deutsche Harmonia Mundi e Sony BMG. Dirige o English Concert e o flautista (bisel) Maurice Steger num disco de concertos de Corelli para a Harmonia Mundi.

Os seus compromissos actuais incluem

Orpheus & Eurydike de Gluck para a Ópera de Gotemburgo, *SALE* para a Opernhaus de Zurique, projectos com os Festivais Händel de Londres e Göttingen, colaborações com os London Handel Players, a Orquestra Barroca de Wrocław, Casa da Música no Porto, Opera North e English National Opera.

BALDUR BRÖNNIMANN DIRECÇÃO MUSICAL

Baldur Brönnimann é reconhecido como um maestro de grande versatilidade com uma abordagem aberta à criação musical. Durante muitos anos, foi o maestro escolhido para projectos importantes com compositores de alto nível, tendo desenvolvido estreitas colaborações com John Adams, Saariaho, Birtwistle, Chin, Ades, entre outros. Enquanto a música contemporânea continua a ter um papel crucial na sua carreira, é actualmente procurado de igual forma para dirigir o repertório mais corrente com muitas das principais orquestras do mundo.

Como maestro convidado, Brönnimann tem dirigido orquestras como a Sinfónica da BBC, Real Nacional Escocesa e Filarmonicas de Oslo, Helsínquia, Copenhaga, Estocolmo e Seul. Trabalha regularmente com a London Sinfonietta e o Klangforum Wien, e é Director Artístico do ensemble norueguês de música contemporânea BIT20, com o qual se centra no desenvolvimento de projectos junto da comunidade cultural da Noruega e na criação de novos caminhos para o ensemble, através de um programa variado de concertos e eventos.

No domínio da ópera, Brönnimann dirigiu três produções na English National

Opera, incluindo a aclamada produção de *Le Grand Macabre* de Ligeti por La Fura dels Baus e *Death of Klinghoffer* de John Adams por Tom Morris. Estreou-se na Komische Oper de Berlim em 2013 com *Le Grand Macabre* e em 2014 dirige *L'Amour de Loin* de Saariaho na Ópera Norueguesa.

Natural da Suíça, Baldur Brönnimann estudou na Academia de Música da Basileia e no Royal Northern College of Music em Manchester.

MAGDALENA ANNA HOFMANN SOPRANO

Magdalena Anna Hofmann apresentou-se recentemente no papel de Klementia em *Sancta Susanna* de Hindemith e Frau em *Von heute auf morgen* de Schönberg (Ópera de Lyon), 1ª Dama em *A Flauta Mágica* e Portia em *The Merchant Of Venice* de Andre Tchaikovsky (Bregenzer Festspiele), Stella em *Les Contes d'Hoffman* de Offenbach (Theater and der Wien), Mãe em *Il prigioniero* de Dallapiccola e Die Frau em *Erwartung* (Ópera de Lyon) e Kundry numa nova produção de *Parsifal* de Wagner em Tallinn.

Entre os seus projectos futuros inclui-se Carlotta em *Die Gezeichneten* de Schreker e Senta em *O holandês voador* de Wagner (Ópera de Lyon), Elisabeth & Venus em *Tannhäuser* (Tallin), Cozinheira em *O Rouxinol* de Stravinski (Bregenzer Festspiele) e Die Frau em *Erwartung* (Festival de Spoleto).

Tem uma grande experiência no repertório de música contemporânea, tendo cantado papéis principais em óperas de Nigel Osborne, Einojuhani Rautavaara, Michael Tippett, Hans Werner Henze e Peter Maxwell Davies, em palcos como o Klangbogen de Viena e o Teatro do Estado de Klagenfurt.

Magdalena Anna Hofmann desenvolve uma relação de longo prazo com o Theater an der Wien e o Festival de Viena, tendo participado em diversas novas produções tais como *Phaedra* de Henze, Margret em *Wozzeck*, Glasa em *Kát'a Kabanová* de Janáček e, mais recentemente, *Os diálogos de Carmelitas* de Poulenc e o papel de Gräfin Helfersstein em *Matias o Pintor* de Hindemith, sob a direcção de Bertrand de Billy, com quem fez também concertos com obras de Beethoven.

MIGUEL LEITÃO TENOR

Miguel Leitão nasceu no Porto, em 1980. Estudou no Conservatório de Música do Porto com Cecília Fontes e na Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo do Porto com Rui Taveira. Foi membro permanente do Estúdio de Ópera da Casa da Música no Porto desde 2002, onde foi orientado vocalmente por Peter Harrison. No âmbito do Estúdio de Ópera, participou em concertos e produções como *L'Ivrogne Corrigé* de Gluck, *Joaz* de Benedetto Marcello, *A Raposinha Matreira* de Janáček, *La Spinalba* de Francisco António de Almeida e *Bastien und Bastienne* de Mozart.

Em 2007 participou no Festival de Aldeburgh (Inglaterra), na produção de *Death in Venice* de Britten, e ainda no Festival de Bregenz (Áustria), onde integrou também o elenco de *Playing Away* de B. Mason e de *Tosca* de Puccini. No mesmo ano foi Tancredi em *Il Combattimento di Tancredi et Clorinda*. Fez parte do coro do Festival de Glyndebourne na temporada de 2008, tendo preparado o papel de Monostatos como substituto para *A Flauta Mágica*. Em 2009 reforçou o coro da Covent Garden Opera House na ópera *O Holandês Voador*

de Wagner. Integra o Coro Casa da Música desde 2012.

Frequentou masterclasses e workshops com Peter Harrison, Lorna Marshall, Ana Ester Neves, Cecília Fontes, Jill Feldman, Muriel Corradini, Jeff Cohen, Eugene Asti, Philip Langridge, Malcolm Martineau, François Le Roux, Lada Valesova, Delia Lindon, Jaime Mota, David Wilson Johnson, William Lacey e Enza Ferrari, entre outros.

MÓNICA MONTEIRO SOPRANO

Natural da Figueira da Foz, Mónica Monteiro iniciou os estudos musicais em violino na cidade onde nasceu. Mais tarde realizou os estudos de Canto na Escola de Música do Conservatório Nacional de Lisboa. Participou em masterclasses com Loh Siew-Tuan, Marimi del Pozo, Maria Cristina Kiehr, Yvonne Minton, Sílvia Rannalli e Enza Ferrari. Em 2005 licenciou-se em Formação Musical e em 2010 em Canto pela Escola Superior de Música de Lisboa.

Actualmente trabalha com o Nederlands Kamerkoor (Holanda), o Grupo Vocal Oficium e o Coro Casa da Música, colaborando regularmente com o ensemble vocal Currende (Bélgica), o Ludovice Ensemble, o Ensemble Capella Patriarchal, o grupo vocal Olisipo e o grupo Sete Lágrimas. Trabalhou também com o Coro Barroco de Amesterdão e o Bach Vereniging (Holanda), o Coro Gulbenkian, o Coro do Teatro Nacional de S. Carlos, e foi membro fundador do Coro de Câmara Lisboa Cantat e do Internationales Vokalensemble Berlin (Alemanha).

Mónica Monteiro gravou várias obras do período Barroco português, trabalhando como coralista e como solista.

RUPERT CHARLESWORTH TENOR

Rupert Charlesworth estudou música no King's College de Londres e estuda actualmente com Philip Daghan e Iain Ledingham. Diplomou-se recentemente na Royal Academy of Music, com vários apoios generosos: Karaviotis Scholarship, John Kenneth Adams Scholarship, Josephine Baker Trust, Countess of Munster Trust e Mr & Mrs Sommerville. Apresentou-se por diversas vezes no Ciclo de Cantatas de Bach "Kohn Foundation", na Royal Academy of Music, e foi Laureado Académico do Festival d'Aix-en-Provence em 2011.

A carreira de Rupert Charlesworth tem-no levado a percorrer a Europa apresentando-se em palcos de ópera prestigiados tais como La Fenice em Veneza e Festival d'Aix-en-Provence. Entre os papéis interpretados inclui-se Damon em *Acis and Galatea* (Festival d'Aix-en-Provence); Tamino em *A Flauta Mágica*, Mr Rushworth em *Mansfield Park* de Jonathan Dove e Conde Enrico em *La Vera Costanza* com direcção de Trevor Pinnock, todos para a Royal Academy Opera; e mais recentemente Soldado em *Der Kaiser von Atlantis* para a English Touring Opera. Preparou também os papéis de 3º Anjo e John, como substituto, em *Written on Skin* de George Benjamin para a Royal Opera House.

Rupert Charlesworth é também requisitado como solista em oratória, destacando-se entre os seus compromissos recentes a *Missa em Si menor* de Bach com Les Musiciens du Louvre e Marc Minkowski, *Messias* com a Orquestra Sinfónica de Kristiansand e Nicholas Kraemer, e a *Oratória de Natal* de Bach com Café Zimmermann e Celine Frisch. Venceu o Concurso de Canto Handel em 2013.

ORQUESTRA BARROCA CASA DA MÚSICA

Laurence Cummings *maestro titular*

A Orquestra Barroca Casa da Música formou-se em 2006 com a finalidade de interpretar a música barroca numa perspectiva historicamente informada. Para além do trabalho regular com o seu maestro titular, Laurence Cummings, a orquestra apresentou-se sob a direcção de Rinaldo Alessandrini, Fabio Biondi, Harry Christophers, Antonio Florio, Paul Hillier, Riccardo Minasi, Andrew Parrott, Christophe Rousset e Daniel Sepec, na companhia de solistas como Andreas Staier, Roberta Invernizzi e Franco Fagioli, e agrupamentos como The Sixteen ou o Coro Casa da Música. Os seus concertos têm recebido a unânime aclamação da crítica nacional e internacional.

A OBCM apresentou-se em digressão em várias cidades portuguesas e também em Espanha (Festival de Música Antiga de Úbeda y Baeza), Inglaterra (Festival Handel de Londres) e França (Festivais Barrocos de Sablé e de Ambronay). Fez a estreia portuguesa da ópera *Ottone* de Händel e, em 2012, a estreia moderna da obra *L'ippolito* de Francisco António de Almeida.

Em 2014, a OBCM interpreta obras bem conhecidas de Händel, Rameau, Monteverdi, Vivaldi, Corelli e Lully, entre outros compositores, e associa-se ao Ano Oriente na Casa da Música, dando a conhecer o gosto pelas *turqueries* na corte do Rei Sol. É dirigida pelo maestro japonês Masaaki Suzuki no festival À Volta do Barroco, e volta a colaborar com o teclista Andreas Staier, solista e maestro na interpretação de concertos para cravo de Bach e Benda. A temporada termina ao lado do Coro Casa da Música,

com as Cantatas de Natal de Bach.

A OBCM editou em CD gravações ao vivo de obras de Avison, D. Scarlatti, Carlos Seixas, Avondano, Vivaldi, Bach, Muffat, Händel e Haydn, sob a direcção de alguns dos mais prestigiados maestros da actualidade internacional.

ORQUESTRA SINFÓNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA

Christoph König *maestro titular*

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Baldur Brönnimann, Olari Elts, Leopold Hager, Michail Jurowski, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Jeremie Rohrer, Peter Rundel, Michael Sanderling, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Gilbert Varga, Antoni Wit, Takuo Yuasa ou Lothar Zagrosek. Entre os solistas que colaboraram recentemente com a orquestra constam os nomes de Midori, Viviane Hagner, Natalia Gutman, Truls Mørk, Steven Isserlis, Kim Kashkashian, Ana Bela Chaves, Felicity Lott, Christian Lindberg, António Meneses, Simon Trpčeski, Sequeira Costa, Jean-Efflam Bavouzet, Lise de la Salle, Cyprien Katsaris, Alban Gerhardt ou o Quarteto Arditti. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin e Luca Francesconi.

Nas últimas temporadas apresentou-se nas mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Madrid e no Brasil, e é

regularmente convidada a tocar em Santiago de Compostela e no Auditório Gulbenkian. A interpretação da integral das sinfonias de Mahler marcou as temporadas de 2010 e 2011. A gravação ao vivo com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos 2013 na revista Gramophone. Na temporada de 2014, a Orquestra é dirigida pela primeira vez por maestros como Peter Eötvös e Ilan Volkov, e interpreta uma nova obra de Unsuk Chin em estreia mundial.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto. Actualmente engloba um número permanente de 94 instrumentistas e é parte integrante da Fundação Casa da Música desde Julho de 2006.

ORQUESTRA BARROCA CASA DA MÚSICA

Violino I

Huw Daniel
Ariana Dantas
Miriam Macaia
Eunjung Anna Ryu

Violino II

Reyes Gallardo
Bárbara Barros
Prisca Stalmarski
Cecília Falcão

Viola

Trevor McTait
Manuel Costa

Violoncelo

Filipe Quaresma
Ana Vanessa Pires

Contrabaixo

José Fidalgo

Cravo/Órgão

Fernando Miguel Jalôto

Tiorba

Jesús Baena

ORQUESTRA SINFÓNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA

Violino I

David Juritz*
Radu Ungureanu
Emília Vanguelova
Vladimir Grinman
Roumiana Badeva
José Despujols
Arlindo Silva
Tünde Hadadi
Ianina Khmelik
Andras Burai
Maria Kagan
Alan Guimarães
Ana Madalena Ribeiro*
Jorman Hernandez*

Violino II

Tatiana Afanasieva
Pedro Rocha
Mariana Costa
José Sentieiro
Paul Almond
Germano Santos
Lilit Davtyan
José Paulo Jesus
Francisco Pereira de Sousa
Domingos Lopes
Nikola Vasiljev
Vítor Teixeira

Viola

Simon Tandree*
Joana Pereira
Hazel Veitch
Jean Loup Lecomte
Luís Norberto Silva
Rute Azevedo
Francisco Moreira
Theo Ellegiers
Beata Costa*
Sara Barros*

Violoncelo

Vicente Chuaqui
Michal Kiska
Bruno Cardoso
Gisela Neves
Hrant Yerosyan
Sharon Kinder
Américo Martins*
Miguel Fernandes*

Contrabaixo

Florian Pertzborn
Tiago Pinto Ribeiro
Altino Carvalho
Joel Azevedo
Angel Luis Martinez*
Samuel Abreu*

Flauta

Angelina Rodrigues
Carla Rodrigues*
Eva Morais*
Alexander Auer

Oboé

Aldo Salvetti
Eldevina Materula
Tamás Bartók
Jean-Michel Garetti

Clarinete

Luís Silva
Carlos Alves
António Rosa
Iva Barbosa*
João Moreira*

Fagote

Gavin Hill
Robert Glassburner
Vasily Suprunov
Pedro Silva

Trompa

Abel Pereira
Hugo Carneiro
Bohdan Sebestik
José Bernardo Silva

Trompete

Sérgio Pacheco
Ivan Crespo
Luís Granjo
Rui Brito

Trombone

Dawid Seidenberg
João Martinho
Tiago Nunes*
Nuno Martins

Tuba

Sérgio Carolino

Tímpanos

Bruno Costa

Percussão

Bruno Costa
Nuno Simões
Paulo Oliveira
André Dias*
Jonathan Silva*
José A. Sousa*

Harpa

Ilaria Vivan

Celesta e Órgão

Luís Filipe Sá

*instrumentistas convidados



casa da música

MECENAS PROGRAMAS DE SALA



PORTO PALÁCIO
CONGRESS HOTEL & SPA
★★★★★

MECENAS CASA DA MÚSICA



APOIO INSTITUCIONAL



MECENAS PRINCIPAL
CASA DA MÚSICA

